

"DE TI SAIRÁ" – MIQUÉIAS 5,1-5

Prof. Dr. Milton Schwantes

RESUMO

Miquéias teve visões sobre o futuro novo. Estão marcadas pela reintegração da cidade à área cultivável e pelo retorno das terras aos camponeses (veja 1,6; 2,5; 3,12).

Miquéias 5,1-5 cabe neste contexto, se bem que o texto atual também contém conceitos exílicos (veja v.4-5). Mas certamente há de conter importantes memórias e formulações miqueanas. Aí deparamos com a expectativa de um novo "governante"/coordenador e fratita e bebemita dentro de tradições davidicas. Este, sem grande poder, organizará o campesinato para a luta libertadora contra a invasão assíria. Este davidismo é pois, simultaneamente, judaíta e camponês, cultivado no ambiente de tradições de 'guerra santa'. Este "governante" prometido instaurará "paz". Sabe-se livre em terras e casas Libertas. O "amor ao bem" (veja 3,2), a "justiça" (5,1.8.9), a "retidão (3,9) marcam as esferas messiânicas. O conceito da "justiça" condensa - ainda mais vividamente que em Amós - o projeto messiânico do morastita.

Palavras Chaves: Paz, amor, bem, justiça, retidão e liberdade.

ABSTRACT

Micah had visions about the new future. Are marked by the return to the area of the city grow and the return of land to farmers. (See 1.6, 2.5, 3.12). Micah 5,1-5 fits in this context, although the text also contains current concepts exile (see v.4-5). But there are certainly important to keep memories and formulations of Micah. Then we come across with the expectation of a new "government" / efratita and bebemita coordinator within David traditions. This, without great Power, organizes the peasantry for the liberation struggle against the Assyrian invasion. This Davidism is therefore both Judaist and peasant, cultivated in traditions of the environment of "holy war". This promised "ruler" will establish "peace". It is free on land and houses released. The "love of good" (see 3.2), the "justice" (5,1.8.9), the "righteousness (3.9) mark the Messianic spheres. The concept of "justice" condensed - even more vividly than in Amos - the messianic project of morastita.

Keywords: Peace, love, good, justice, righteousness and freedom.

Miquéias profetizou aproximadamente de 725 até 701 a.C. Antes de 722, ano da conquista de Samaria pelos assírios, pode ter sido pronunciado 1,6.7. Em torno de 701, ano da invasão definitiva e das destruições assírias em Judá, foram ditos 1,8-16. Contudo, esta datação de Miquéias entre 724 e 701 é questionada por outros pesquisadores. Há quem localize nosso profeta entre 733 e 725.¹

Este nosso profeta vem de uma vila camponesa da Sefelá, aquela região agricultável de Judá a uns 300m de altitude, entre a costa do Mar Mediterrâneo e a Serra de Judá. Ele mesmo há de ser um camponês. Sua vila de origem é Moresete, situada nas cercanias da cidade filistéia de Gate, chamada por isso de Moresete-Gate.

Miquéias é pois, judaíta como Amós de Técoa, com quem tem muita semelhança. Em diferença a Amós que mesmo sendo sulista, atuou no norte, em Israel (em torno de 760), Miquéias somente foi profeta no sul. Fala em sua terra natal. Contudo, tema de sua fala não só são as coisas do sul. Refere-se também ao norte (1,16-17). Suas visões tematizam “Samaria e Jerusalém” (1,1). Jerusalém e sua ruína recebem especial destaque (3,12, veja Jeremias 26,18). Aliás, o todo do panfleto do cap.3 tem na ameaça de Jerusalém seu auge. As demais desgraças, anunciadas no decorrer deste capítulo (isto é, os v.4.6-7), obtêm seu sentido a partir do v.12. Este mesmo versículo é citado pelos “anciãos da terra” (= representantes dos camponeses de Judá) em defesa de Jeremias no processo de pena de morte, que contra ele era movido em Jerusalém (Jeremias 26,17-19). Este episódio mostra que, por um lado, os camponeses judaítas são os portadores da memória da profecia do morastita e, por outro lado, sua ameaça contra a capital, portanto contra a cidade de Jerusalém que causou profundo impacto.

O motivo que fundamenta esta ameaça radical às capitais, seus templos e à elite mandante é a opressão social de “meu povo” (*‘ami*).² Este “meu povo” é, em Miquéias, o campesinato judaíta. São pois, os mesmos que, em Amós, levam o nome de empobrecidos (*‘ani* “oprimido”, *‘ebyon* “pobre”, *dal* “fraco”). “Meu povo” é expropriado de suas casas e terras (2,1-2), ex-

¹ Hans Walter Wolff, *Micha*, Neukirchen, Neukirchener Verlag, 1980-1982, p.XII-XVII (XLip. + 232p.) (Biblicher Kommentar Altes Testament 14/4)

² Veja Milton Schwantes, *Igreja como povo – “meu povo” em Miquéias*, Belo Horizonte, Centro de Estudos Bíblicos, 1989, 24p. (A Palavra na Vida).

plorado em sua força de trabalho (3,9-11), ludibriado de todas as maneiras (3,5), enfim, devorado. 3,1-3 denunciam o próprio canibalismo praticado por “cabeças” e “chefes” contra as lavradores e os lavradores empobrecidos contra “meu povo”.

Agora, convém que tentemos identificar melhor estes textos que como no geral se postula, remontam ao profeta Miquéias. A questão é complexa. Por certo, também neste ponto, não há concordância muito grande entre os pesquisadores. Por isso, convém que se parta daqueles trechos literários que mais provavelmente puderam ser atribuídos a nosso profeta. Quanto a isso, existe um resultado bastante evidente na pesquisa. A Miquéias certamente remonta o cap.3. Grande parte dos cap.1-2 igualmente são miqueanos. Nos cap.4-5, eventualmente ainda se podem encontrar parcelas de textos de nosso profeta (4,14? 5,1-5?). Nos cap.6-7, com pouca probabilidade, temos conteúdos do morastita (6,8?). Quando me refiro ao profeta Miquéias do 8º século, estas probabilidades e estas hipóteses crítico-literárias sobre os trechos deste profeta em seu livro perfazem uma certa probabilidade. Aqui não há espaço para justificar as decisões em detalhes. A respeito peço conferir a discussão especializada na própria bibliografia, agora em especial no comentário de Hans Walter Wolff³.

À luz destas notas introdutórias passo a verificar nosso assunto: o messianismo em Miquéias.

1 - HÁ ESPERANÇA?

Diversas são as passagens que no livro de Miquéias apresentam maravilhosas visões a respeito do futuro. Podemos apontar para 2,12-13 ou 4,1-5. A questão é que justamente estas, provavelmente não são de nosso profeta do 8º século. Representam releituras posteriores.

A questão é se existe expectativa de futuro nos textos que podemos atribuir - com razoável probabilidade - ao morastita Miquéias. E ela existe.

Verificamo-lo antes de mais nada, nas próprias ameaças dirigidas a Jerusalém e Samaria. Dizíamos que 3,12 é o auge das previsões contra Jerusalém. E nele há uma proposta de futuro.

³ Veja em especial p.100-122 de Hans Walter Wolff, *Micha*.

Por isso, por causa de vós:

Sião [como] campo será lavrada.
Jerusalém será um montão de ruínas:
sim⁴, o monte da casa⁵ - para montes de mata. (3,12)

Tais palavras foram ditas por um camponês. Estão centradas realmente na terceira frase, na que vê o templo feito ruína e mata! Para lavradores e lavradoras, tal ameaça radical contra o santuário da capital opressora assume contornos libertários. Tem jeito de graça. Para os senhores de Jerusalém, da administração monárquica e para o templo, as palavras do morastita são desgraça, a pior desgraça possível. Afinal, ela consiste de ruínas. A graça da transformação do Sião em roçado, da área do templo em matagal. Os centros do poder cidadão são reintegrados à vida campesina: feitos roça e mata. Para o lavrador, ambos não são desgraça, mas graça genuína, enfim vida. Portanto, 3,12 além de ameaça contém promessa.

O mesmo acontece - e de modo até bem mais expresso! - em 1,6:

E vou reduzir Samaria a uma ruína no meio do campo,
num lugar de plantação de vinhedo;
jogarei suas pedras no vale
e porei seus alicerces a descoberto.⁶ (1,6)

Também aqui há a tônica da demolição. Mas esta justamente tem o objetivo de transformar Samaria numa área sem resquícios cidadãos. E seus fundamentos estarão à mostra. Suas pedras terão sido devolvidas ao vale de onde vieram ou amontoadas em meio às roças para facilitar a colheita. No lugar da cidade, surgirá um lindo parreiral. Enfim, a área será restaurada naquilo que deve ter sido antes da construção da cidade de Samaria por Onri (1Reis 16,24), uma encosta na qual se plantava vinhas. A promessa restitui uma situação anterior. Ela não *pro-gride*, antes, *re-gride*.

2,5 enquadra-se bem neste contexto. Neste versículo, culmina a unidade de 2,1-5.

⁴ No hebraico, trata-se de um ve- “e”, “sim”.

⁵ = templo.

⁶ Aqui me estou valendo da tradução de Júlio Paulo Tavares Zabatiero, *Miquéias – Voz dos sem-terra*, Petrópolis, Editora Vozes, 1996, p.36 (139p.) (Comentário Bíblico).

Trata-se de um projeto. Nele, a tradição miqueana encontra também sua condensação mais marcante. À luz de 3,1, poder-se-ia chamá-la de “amar o bem”. À luz de 3,9, de “retidão”. E na perspectiva de 3,1.8.9, de “justiça”. Este último tende a ser o conceito chave; ora, “direito” é um conceito citado de modo marcante. “Conhecer a justiça” isto é, saber seu sentido e praticá-la é o alvo do projeto miqueano. No concreto, implica em que a cidade vira roça, parreiral e acessível a toda gente. Há que ver no trinômio “um homem” (2,1-3) “uma casa” e “uma herança”/roça concretização do messianismo miqueano.

Por isso não haverá para ti quem meça um lote na assembleia de Javé. (2,5)

Novamente é anunciada ameaça e formulada uma promessa. Ameaçados são os que se assenhorraram dos campos dos camponeses (2,1-2). Para estes poderosos senhores, em cuja “mão está o poder” (v.1, seriam militares?), não haverá futuro; contra eles está projetado o mal (v.3). Ficarão sem terra. Mas, pelo visto haverá futuro para os que estavam sendo expropriados pelos poderosos senhores. Afinal, nosso v.5 - confira a brilhante interpretação de Albrecht Alt⁷ - pressupõe a redistribuição da terra pela “assembleia de Javé”. Os sem-terra - roubados de seu meio de subsistência - partilharão a terra após a ruína dos senhores do Estado e das armas (veja v.4 - um versículo, infelizmente quase incompreensível).

Portanto, *em meio à ameaça configuram-se os traços do recomeço*. Podemos verificar os seguintes: as terras das capitais serão reincorporadas ao solo agricultável, transformados em roça e vinha; as terras arrebatadas de “meu povo” camponês, serão reintegradas à posse familiar, através da redistribuição das terras (confira 2,5). Assim se reinventa e reconsolida, no concreto, o direito e a justiça das quais a profecia está repleta, também a de Miquéias.

Nos cap.4-5+6-7, haveria promessas que pudessem seu miqueanas e que se ajustassem ao quadro acima traçado? Em 5,1-5 (5,2-6 na tradução de João Ferreira de Almeida) certamente temos frases de Miquéias?

⁷ Albrecht Alt, “Miquéias 2,1-5 – A redistribuição da terra em Judá”, em *Terra prometida – Ensaios sobre a história do povo de Israel*, São Leopoldo, Editora Sinodal, 1987, p.9-18 (236p.).

3 - DE BEBÉM VIRÁ!8

Jerusalém está por ser tomada! Aliás, já foi arrasada! Estas são as óticas a partir de 4,9. Não se trata porém, somente da invasão assíria de 701, mas provavelmente também do avanço demolidor da Babilônia de 587, como parecem indicar os v.6-14. Por isso, pode-se afirmar com certa razão que 4,9 até 5,5+6-14 foi conclusivamente redigido a partir da experiência de 587, ainda que só se mencione a Assíria.⁹ Contudo, isso ainda não implica em que todos as partes dos versículos que requerem nossa atenção, ou seja 5,1-5, tenham sido pensadas a partir das conquistas babilônicas. Afinal, em 5,1-5 a referência é à Assíria!

Enfim, em 5,1-5 detecto tais conteúdos que hão de remontar ao mo-rastita. Acontece que certas frases da unidade não se explicam a partir de 587. Por que se teria recorrido a Belém Efrata? E por que se acentuaria a pequenez desta Belém, no v.1? Por que se mencionaria da Assíria, nos

⁸ Veja bibliografia específica sobre o cap.5: Laura Gorgulho, “A profecia sobre Belém-Efratá em Miquéias 5,1-5”, em *Revista de Cultura Teológica/RCT*, São Paulo, Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 1963, p.20-38; Klaus Seybold, *Das davidische Königtum im Zeugnis der Propheten*, Gotinga, Vandenhoeck & Ruprecht, 1972, especialmente p.106-115 (183p.) (Forschungen zur Religion und Literatur des Alten und Neuen Testaments/FRLANT, 107); Theodor Lescow, “Das Geburtsmotiv in den messianischen Weissagungen bei Jesaja und Micha”, em *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*, Berlim, Walter de Gruyter, vol.79, 1967, p.172-207; Itumeleng J. Mosala, *Biblical Hermeneutics and Black Theology in South Africa*, Grand Rapids, William B. Eerdmanns, 1989, 218p.; Jorge Pixley, “Miqueas 2,6-11 – Qué quiso silenciar la casa de Jacob? – Profetismo e insurrección”, em *Revista Bíblica*, Buenos Aires, Asociación de Profesores de Sagrada Escritura, vol.51, 1989, p.143-162; “Miquéias o livro e Miquéias o profeta”, em *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/RIBLA*, Petrópolis, Editora Vozes, vol.35/36, 2000, p.206-211; Haroldo Reimer, “Ruína e organização – O conflito campo-cidade em Miquéias”, em *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/RIBLA*, Petrópolis, Editora Vozes, vol.26, 1997, p.99-109; Silvana Suaiden, Miquéias 6,1-8 – Teologia de superação do sacrificalismo, São Paulo, Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 2001, 202p. (dissertação de mestrado); Noli Bernardo Hahn, *Miquéias 2,1-5 profecia e luta pela terra – Uma leitura da influência da situação histórico-social nas últimas décadas do 8o século a.C., em Judá, na vida da antiga ordem tribal*, São Paulo, Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção, 1992, 156p. (dissertação de mestrado); *A profecia de Miquéias e “meu povo” – Memórias, vozes e experiências*, Santo Ângelo, Ediuri, 2005, 260p.; Noli Bernardo Hahn e Léo Konzen, “A violência a “meu povo” e a palavra profética – Uma abordagem de Miquéias 3,1-4”, em *Revista Missionária*, Santo Ângelo, Instituto Teológico, vol.38, 2004, p.6-22; Rainer Kessler, *Micha übersetzt und ausgelegt*, Freiburg, Herder, 1999, 320p. (Herders Theologischer Kommentar zum Alten Testament/HThKAT), Veja aí, em Rainer Kessler, a bibliografia nas p.13-18; para 5,1-5 veja em especial p.217 e p.230.

⁹ Veja Hans Walter Wolff, *Micha*, p.107-110.

v.4-5? Aqui, não podemos esmiuçar a discussão a respeito. E nem podemos destilar criteriosamente entre o que se adequa à memória miqueana e o que corresponderia a reelaboração exílica. Na tradução que segue só estão embutidas as decisões. Neles, me estou orientando pela exegese de Hans Walter Wolff,¹⁰ se bem que não adoto suas conclusões em termos de crítica textual.

¹E, tu, Belém Efrata,
pequena para estar entre¹¹ os milhares de Judá,
de ti me sairá o que será¹² governante em Israel,
e suas origens em tempos remotos,
em dias muito distantes.

²Por isso, entregá-los-à até o tempo em que a parturiente dá
à luz,
e o resto de seus irmãos retornar aos¹³ filhos de Israel,
³e permanecerá e liderará¹⁴ na força de Javé,
na majestade do nome de Javé, seu Deus.

E habitarão.

Eis, agora, se tornará grande até os confins da terra.

⁴E será esta paz.

Eis, a Assíria entrará¹⁵ em nossa terra!

E, eis, pisará em nossas casas grandes!

Mas levantaremos contra ela sete pastores e oito comandantes
de humanos.

⁵E consumirão a terra da Assíria com espada
e a terra de Ninrode em suas partes.

E se libertará da Assíria:

quando entrar em nossa terra

e quando passar nossos termos.¹⁶

¹⁰ Hans Walter Wolff, *Micha*, p.100-122.

¹¹ Trata-se aqui da preposição hebraica *be-* “em”.

¹² Tradução literal a rigor é: “sairá para ser”.

¹³ A rigor: “sobre os filhos de Israel”.

¹⁴ A raiz *r'h* qal significa “pastar”, “apascentar”.

¹⁵ A raiz *bv'* qal tanto indica “vir” e “chegar”, quanto “entrar”, no caso ‘invadir’.

¹⁶ Na tradução me orientei por Hans Walter Wolff, *Micha*, p.101-102, contudo sem adotar suas alterações do texto masorético. .

Esses versículos se situam no âmbito do messianismo. Sua messianidade é específica. Vejamos seus traços mais marcantes.

Encontramo-nos *no âmbito do davidismo*. Por certo, Davi não é expressamente mencionado. Mas as alusões são flagrantes. Ao mencionar Belém Efrata cada qual se sabe lembrando que o belemita mais famoso foi Davi (1Samuel 16). E Efrata era uma das famílias de Belém (Rute 1,2). Sim, Davi era efratita (1Samuel 17,12-23). Portanto, quem conhecia as tradições de Judá, sabia que a alusão à localidade de Belém e à linhagem de Efrata equivalia a aludir a Davi.

Mas também a afirmação de que a origem está “em tempos remotos, em dias muito distantes” (v.1) alude a um davídida. Afinal, conhecemos este acento do davidismo de Salmos e da própria profecia de 2Samuel 7 (v.13-16). O davidismo é “eterno”, “desde a eternidade estou estabelecendo tua descendência” (Salmo 89,5).

Até mesmo a expressão “sair de” do v.1 tem semelhança à formulação de 2Samuel 7,12 (veja Isaías 11 e Jeremias 30,22).

Portanto, das diversas alusões podemos concluir que, com Miquéias 5,1-5, estamos ao âmbito do davidismo.

Contudo, estes nossos versículos têm marcas peculiares: *não há referência alguma a Jerusalém*; o davidismo daqui não é ierusalemita. Vê Davi como descendente de um clã da vila de Belém. Além disso, chama a atenção que nem mesmo seja mencionado nem Jessé, o pai de Davi, como em Isaías 11,1. O texto de Miquéias vai às raízes mais remotas do davidismo; retrocede a um ancestral distante. A finalidade disso é evidente: recuperar um davidismo desde a profundidade da história dos clãs judaítas. A história presente dos davididas em Jerusalém - arduamente combatidos pelo morastita - não é critério suficiente para expressar esperança. Retrocede-se ao passado mais remoto para renovar a esperança. A utopia tem pois, suas raízes no povo judaíta, em sua vila de Belém, em uma linhagem distante. Designo este davidismo de *popular*. Sua função patrocinada pelos davididas em Jerusalém, uma cidade construída sobre o saque do povo (3,10).

Creio que é possível identificar o âmbito no qual este davidismo popular e judaíta, anti-ierusalemita é cultivado. Nossos v.2 até mesmo fornece toda uma gama de evidência. A partir deles, pode-se afirmar que seu davidismo

provém do âmbito da assim chamada 'guerra santa'.¹⁷ No v.3, a linguagem guerreira igualmente é flagrante. O mesmo se dá no final do texto, no v.5b (e, em geral, nos adendos v.4-5a). Neste v.5b, temos a consequência libertária da 'guerra santa'. Seu objetivo é a proteção das fronteiras. Repele invasões, não invade. Dá diversas amostras de que provém do contexto da auto-defesa promovida pelos camponeses por ocasião de intromissões de fora. O davidida esperado é qual comandante militar do campesinato, organizador da defesa popular contra a agressão externa (aqui, assíria). As semelhantes ao próprio profeta, que está cheio de vigor e força (3,8), são flagrantes.

Neste contexto, inclusive cabe mais outra particularidade de nossos versículos. Neles é comemorada a *pequenez* daquele que é esperado. Não se chega a falar propriamente de sua fraqueza (veja, contudo, Zacarias 9,9!), mas já se menciona algo de sua modesta origem. Os efratitas de Belém não são uma família militarmente forte. São 'pequenos'. Algo similar dizia Gedeão de si: sua família é pobre e nela ele é o menor (Juízes 6,15). Esta pequenez do comandante faz sobressair e ser enaltecida a 'ajuda', ou melhor, a intervenção divina. As conquistas não são deste "tu", mas da "força de Javé" (v.3). Aquele que virá é fraco, sua eficiência está em Javé. (Em Isaías verificamos acentos similares, quanto aos conteúdos.)

Este comandante da libertação é chamado de "governante em Israel". Sua ação tem a ver com todos de Israel e não só com o ambiente restrito de Judá. Como havemos de avaliar sua qualificação de "governante"? Não se manifestaria aí um retrocesso para uma linguagem promotora de estado? Não estaria pois, o título "governante" (*moxel* [da raiz verbal *mxl*], no hebraico) em contradição com o enraizamento popular e tribal do restante dos versículos? A questão é relevante. Convém que nos detenhamos na argumentação. Ressalte-se inicialmente que a designação de "governante" terá que ser avaliada à luz de seu contexto literário. Isto implica em que não se pode querer entendê-la como equivalente a "rei"/*melek*, pois não há referência ao reinado nos versículos circundantes. Nem mesmo em 4,14 (= 5,1, em João Ferreira de Almeida), onde certamente se alude ao rei Sedecias, em 587. Mas, nosso "governante" nem tem que ser um "rei". É antes, um "juiz de Israel". Portanto, o "governante" de nosso v.1 será algo

¹⁷ Veja Norman Karl Gottwald, *As tribos de lahweh - Uma sociologia da religião de Israel liberto 1250-1050 a.C.*, São Paulo, Edições Paulinas, 1986, p.279-291 (932p.) (Bíblia e Sociologia, 2).

como um “juiz” (4,14)! Acrescente-se a esta observação à luz do contexto literário outro detalhe a mais. Nosso v.1, fala de um “governante” “em(!) Israel” (confira Provérbios 18,15). O texto marca, pois o âmbito de ação não estabelece propriamente uma relação de subjugação. Por fim, pode-se adicionar mais outra suposição. É bem possível que aqui, como em outras passagens, usa-se “governante”/*moxel* justamente para evitar o termo “rei”/*melek*.¹⁸ Em consideração a este conjunto de observações, poder-se-ia atribuir ao messias, em nosso v.1, um termo como o de ‘*coordenador em Israel*’.

Milton Schwantes

Doutor em teologia e leciona na Universidade Metodista de São Paulo.

¹⁸ Veja José Alberto Soggin, “verbete *mxl*”, em *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*, Madri, Ediciones Cristiandad, 1979, columnas 1265-1269 (1274 columnas).